

# A PLURALIDADE NO USO DA VÍRGULA NA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

**Hemerson Mendes Vieira<sup>1</sup>, José de Arimatéa Dutra Guimarães<sup>2</sup>, Teresinha de Fátima Nogueira<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade do Vale do Paraíba/Departamento, Rua Tertuliano Delpim Jr., 181 - Jardim Aquarius CEP 12246-080 - São José dos Campos - SP, hemerson.vieira@bol.com.br, dutraav10@ig.com.br, terenog@univap.br

**Resumo** - O presente artigo tem como objetivo relatar a pesquisa em andamento sobre a pluralidade do uso da vírgula na obra do escritor português José Saramago e os efeitos produzidos pelo seu uso. Para isso, partimos do processo histórico da pontuação ocidental desde o período clássico grego, até seu uso na atualidade. Preocupamos em comparar o uso da pontuação, em particular a vírgula, em Saramago com alguns autores de gramática normativa para que pudéssemos confrontar esta realidade e mostrar algumas curiosidades. Num outro momento, ainda em andamento, estamos elaborando uma pesquisa onde será apresentado um texto da obra Memorial do Convento de José Saramago e a partir dele algumas questões para um público diversificado para verificarmos os possíveis efeitos de sentido que a vírgula de Saramago poderá produzir nas pessoas.

**Palavras-chave:** pontuação, vírgula, sintaxe, semântica

**Área do Conhecimento:** Letras, Lingüísticas, Artes

## Introdução

A pesquisa que nos propomos fazer nasceu da particularidade da vírgula usada na obra de Saramago, uma vez que, observando nossa literatura não temos nada parecido. A literatura de Saramago é inovadora principalmente pela sua maneira de narrar e pela pluralidade que faz no uso da vírgula.

Ferreira (2004), comentará que Saramago faz uma desconstrução da convenção existente na comunidade dos Povos de língua portuguesa por subverter os padrões da pontuação o que não precisaria, haja vista, que sua qualidade está além de sua pontuação.

Seria a pluralidade no uso da vírgula de Saramago um perigo aos estudantes, pois dificilmente um aluno que assim escreve para um vestibular seria aprovado, levando em conta o que temos na nossa gramática sobre a vírgula.

Partindo deste contexto de contradições inerentes a quebra de paradigma no uso da pontuação na obra de Saramago em relação à gramática normativa, iniciamos nossa pesquisa.

## Materiais e Métodos

Nem sempre a pontuação foi usada como conhecemos hoje. Houve todo um processo histórico desde o período clássico grego até que chegássemos como se apresenta atualmente e há muita dúvida em relação ao uso da pontuação ainda hoje e pouco estudo sobre o assunto principalmente em língua portuguesa.

Como nosso interesse principal é um autor de língua portuguesa, demos ênfase à pontuação greco-romana e seu uso na idade média até os nossos dias, visto que foram os principais povos que influenciaram nossa maneira de escrever.

Após as discussões diacrônicas sobre a pontuação, partimos para algumas definições de vírgula a partir de alguns gramáticos para que pudéssemos melhor analisar a virgulação de Saramago.

Fizemos uma análise de sua pontuação partindo de um texto de seu romance Memorial do Convento e algumas comparações e análises sobre este texto.

Num outro momento, ainda em andamento, estamos elaborando um questionário que será passado para algumas pessoas analisarem um texto da obra e responderem algumas questões.

## Resultados

A presente pesquisa consta ainda de uma parte ainda não aplicada que será sugerida algumas perguntas para que possamos aprofundar sobre algumas questões.

Parcialmente, percebemos que a virgulação usada por Saramago é provocadora por quebrar paradigmas ditados pela gramática normativa, entretanto, a lógica de entendimento da obra não é quebrada, pois não se torna inacessível em função de sua pontuação.

## Discussão

Para que possamos ter uma melhor compreensão da pontuação de Saramago, traçamos uma síntese histórica na qual procuramos mostrar que a pontuação que conhecemos hoje é fruto de todo um processo da escrita.

## Os gregos

Os manuscritos gregos não separavam as palavras como conhecemos hoje, onde utilizamos os espaços em branco, eles usavam pontos para facilitar a leitura e compreensão, marcando pausas e sentidos completos e incompletos.

Conforme Cagliari (1999) o processo de pontuação que auxiliava na leitura dos manuscritos gregos eram marcados por quatro tipos de pontuação que ocorriam no desenvolvimento do processo da escrita grega: um ponto no alto da letra que significava sentido completo; um ponto na base que significava sentido incompleto; a vírgula similar a que conhecemos hoje e o ponto e vírgula que tinha representação de interrogação.

É importante percebermos que assim como em outras áreas do conhecimento, os gregos foram fundamentais no processo da escrita no que tange a pontuação, pois veremos traços marcantes deste uso na cultura romana e também na idade média.

## Os Romanos

Com relação aos manuscritos romanos, apesar da influência da pontuação grega, tinham marcas diferentes quanto ao uso, como nos confirma Cagliari:

*“Aristófanos de Bizâncio, no século II a.C., não só completou o alfabeto grego e o consolidou, como também introduziu o primeiro sistema de pontuação da história da escrita. Um ponto no alto significava que acabava um grupo de palavras com significado completo. Um ponto no meio da altura da letra significava uma interrupção do significado corrente, com o acréscimo de algo, em seguida. Um ponto na base da letra representava uma frase de sentido incompleto, que se completaria adiante”.*(Cagliari, 1999:199).

É interessante perceber que a pontuação romana tinha algumas semelhanças com a grega, no entanto, os sinais de pontuação enquanto portadores de significados eram diferentes. Enquanto um ponto no alto à direita da palavra significava sentido completo para os gregos, para os romanos esse sinal era uma pausa.

## Idade Média

Conforme Rocha (1997) na Idade Média, pelo que consta, não se usava o espaço em branco até meados do século V d.c., sendo que os pontos continuaram a ser fundamentais para o bom entendimento da leitura. Houve inúmeros escribas que trabalhavam na transcrição de histórias narradas pelas pessoas e usavam características pessoais para escrever. Podemos afirmar que somente com a entrada da imprensa começava a existir uma padronização das pontuações.

Pelo que constam nas pesquisas tanto de Cagliari (1999) como de Rocha (1997) a separação de palavras só ocorrerá a partir do século VIII e com ela vêm as pontuações que começaram a ser usadas com funções mais específicas.

É interessante perceber, antes de entrarmos na invenção da imprensa, que até então todos os escritos eram transmitidos aos manuscritos com características próprias de cada escriba e daí encontrarmos tantas divergências de pontuações.

## A pontuação depois da invenção da imprensa

Não podemos negar que houve uma lógica na pontuação durante todo o período que transcorre dos manuscritos gregos até a invenção da imprensa, entretanto, não tínhamos um padrão, fato que ocorrerá somente com a invenção da imprensa. Tal evento marcará decisivamente a vida dos escribas da época, que terão de adaptar-se a uma padronização da máquina, obedecendo a nova lógica.

A mesma racionalização que sofrera os meios de produção, ocorrerá com a escrita. Os pontos agora estão nos tipos das máquinas, e quem escrever deverá seguir este padrão.

É lógico que nem todos seguiram este padrão e conforme comenta Rocha (1997) entrará em atividade o sucessor do escriba que será agora o revisor de texto. Esta pessoa ficará responsável por garantir que a qualidade de um texto esteja de acordo com os padrões vigentes dos tratados gramaticais.

## A escrita moderna

Podemos afirmar que a nova quebra de paradigma da modernidade ao que se refere à pontuação, está na revolução da informática, onde sinais usados no computador como o negrito, sublinhado e outros marcam pontos diferentes dos da tradicional máquina de escrever. Quando vemos os jovens em suas salas de bate papos, podemos observar que novos símbolos de comunicação são criados, conforme nos afirma Cagliari:

*“Mais recentemente, os computadores trouxeram para os olhos dos usuários uma*

quantidade enorme de marcas e símbolos. Alguns textos feitos por computador estão apresentando muitos enfeites, com sinais especiais usados em lugar dos sinais de pontuação, estabelecidos pela ortografia vigente, como bolinhas, quadrinhos, triângulos, flor, ícones, etc. que eram típicos dos manuscritos medievais” (Cagliari, 1999:203).

Este pequeno traçado histórico mostra o devir pelo qual passou o processo de pontuação até chegarmos no que conhecemos hoje.

### Algumas definições sobre a vírgula

Feita a análise sincrônica, podemos partir para uma análise diacrônica da pontuação sobre o conceito dado por alguns autores de gramática para que possamos, posteriormente, tecer alguns comentários.

Segundo Luft (1988) o uso da vírgula na língua portuguesa, assim como outros sinais, são determinados pela sintaxe e não por outros fatores como semântica ou prosódica. Ele nos explica que o grande erro que ocorre no uso da vírgula se dá por boa parte das gramáticas justificarem a pausa como um fator determinante em seu uso.

Tufano definirá assim:

*“A vírgula indica uma pausa pequena, deixando a voz em suspenso à espera da continuação do período”.*(Tufano, 1993:201).

A gramática de Cegalla (1992) não dá uma definição para o uso da vírgula, mas da pontuação, onde ele mostra que a pontuação tem uma tríplice função:

*“Assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entoação) na leitura; separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas; esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambigüidade”.*(Cegalla, 1992:62).

Luft é enfático ao criticar as gramáticas que trazem a questão da pausa em suas definições:

*“Essa ligação entre pausa e vírgula deve ser a responsável pela maioria dos erros de pontuação. E penso que está mais do que na hora de desligar as duas coisas. No entanto, mesmo em gramáticas recentes, e de autores bem conceituados, persiste a ilusão”.*(Luft, 1988:7)

Algumas definições acima mostram o quanto é variável o uso da vírgula e com Saramago ela torna-se mais ambígua ainda, pois será tratada como sinal de pluralidade.

Saramago quebra um paradigma ao dar novas possibilidades do uso da vírgula, o que não atrapalha seu entendimento. Entretanto, observando o processo histórico, veremos que a

subversão em relação aos sinais é mais que comum.

### Saramago e sua virgulação

Apresentaremos um trecho da obra para análise, haja vista, que o uso da vírgula de Saramago se repete em toda obra de maneira parecida e logo mostraremos uma das maneiras de transportá-la mais próxima das regras da pontuação que convencionalmente usamos hoje. Isso possibilitará ao leitor entender com mais exatidão o foco de nossa pesquisa.

*“Perguntou el-rei, É verdade o que acaba de dizer-me sua eminência, que se eu prometer levantar um convento em Maфра terei filhos, e o frade respondeu, Verdade é, senhor, porém só se o convento for franciscano, e tornou el-rei, Como sabeis, e frei António disse, Sei, não sei como vim a saber, eu sou apenas a boca de que a verdade se serve para falar, a fé não tem mais que responder, construa vossa majestade o convento e terá brevemente sucessão, não o construa e Deus decidirá”.* (Saramago, 1983:14).

“Perguntou el-rei:

– É verdade o que acaba de dizer sua eminência, que se eu prometer levantar um convento em Maфра terei filhos? E o frade respondeu:

– Verdade é, senhor! Porém só se o convento for franciscano. E tornou el-rei:

– Como sabeis? E frei Antonio Disse:

– Sei, não sei como vim a saber, eu sou apenas a boca de que a verdade se serve para falar, a fé não tem mais que responder. Construa vossa majestade o convento e terá brevemente sucessão, não o construa e Deus decidirá”.

Se um professor pedisse a um aluno do ensino médio que reescrevesse de forma correta o trecho de Saramago, ele não hesitaria em fazê-lo, pois, pela gramática normativa é inaceitável a maneira como ele pontua sua obra.

Ferreira (2004) argumentará que Saramago não precisaria usar a vírgula desta maneira, pois sua obra está além, não em virtude de sua pontuação, mas da qualidade de sua escrita e que facilitaria muito mais a vida dos leitores se o escritor fizesse uso da norma padrão.

Numa entrevista com Reis (1988), Saramago comenta que assim como aquele que está dirigindo numa estrada desconhecida precisa de atenção, assim precisará o leitor tomar os mesmos cuidados com seus textos.

Caso um vestibulando se propusesse a quebrar os paradigmas como fez Saramago, certamente seria foco de repúdio em sua avaliação, principalmente se a pessoa que fosse corrigir a prova desconhecesse Saramago.

O que Saramago cria com sua virgulação são novos significados que possam ter a vírgula, substituindo outros sinais como o travessão, a interrogação, a exclamação. Fato tal, que não é uma novidade quando passamos os olhos no processo histórico da pontuação.

A pontuação de Saramago parece-nos permitir que façamos sugestões de entonação, uma vez que a pontuação baseia-se na vírgula e no ponto.

Realmente Saramago tem razão quando afirma que a fala não tem pontuação, mas a pontuação é essencial para leitura, principalmente para os iniciantes na alfabetização.

Para um leitor assíduo, com certo grau de maturidade em leitura, se espera que a obra de Saramago seja lida com uma certa tranquilidade, compreendendo que no diálogo há uma lógica inerente, mas para um leitor iniciante corre-se o risco de tornar-se enfadonha.

### **Conclusão**

Até o momento o que se pode perceber é que apesar da obra de Saramago ter alta aceitação pelos críticos, pouco se discute sobre sua pontuação. As obras que tratam a respeito são pouquíssimas e as pessoas que tomam contato com ele em entrevistas poucos questionam sobre isso.

As bibliografias sobre o assunto também são raríssimas, principalmente em língua portuguesa, o que torna mais penoso à pesquisa.

### **Referências**

- CAGLIARI, L.C. Breve história da pontuação. In: MASSINI-CAGLIARI, G. & CAGLIARI, L.C. Diante das letras- A escrita na alfabetização. Campinas/SP:Ed. Mercado das letras/ALB; Florianópolis/SC, 1999.

- CEGALLA, D.P. Novíssima gramática da língua portuguesa. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1992.

- FERREIRA, J. A Insólita pontuação literária de José Saramago. Disponível em : <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=5081&cat=Ensaio>

- LUFT, C.P. A vírgula. Considerações sobre seu ensino e seu emprego. 2 Ed. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

- REIS, V. In: FERREIRA, J. A Insólita pontuação literária de José Saramago. Disponível em : <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=5081&cat=Ensaio>

- ROCHA, I.L.V. O Sistema de pontuação na escrita ocidental: Uma Retrospectiva. DELTA. [online]. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-). Acesso em 28 jan. 2006.

- SARAMAGO, J. Memorial do Convento. São Paulo: Ed. Difel, 1993.

- TUFANO, D. Estudos de língua portuguesa: gramática. 2 ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1993.